

Diário Notícias

12-08-2015

Periodicidade: Diário**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 56361**Temática:** Saúde**Dimensão:** 719**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 1/15**SAÚDE**

Portugueses pouparam 90 milhões de euros nas farmácias

● Nos últimos três anos, as famílias pouparam 90,5 milhões de euros na compra de medicamentos, resultado da revisão anual de preços e da escolha de países de referência com valores mais baixos. As descidas de preço sentiram-se sobretudo nos remédios para problemas do coração e do sistema nervoso. **PORTUGAL. PAG. 15**

Famílias pouparam 90 milhões de euros na farmácia em três anos

Medicamentos. Governo avaliou o impacto da revisão de preços na redução da despesa nos últimos três anos, nas farmácias e hospitais. Poupança total foi de 268 milhões de euros

ANA MAIA

Nos últimos três anos as famílias portuguesas pouparam 90,5 milhões de euros na compra de remédios nas farmácias, resultado da revisão anual de preços e da escolha de países de referência com valores mais baixos, segundo um estudo da Autoridade Nacional do Medicamento (Infarmed) a que o DN teve acesso. Durante este período – 2012, 2013 e 2014 –, olhando para a poupança do Serviço Nacional de Saúde (SNS) e contando também com as descidas de preço nos medicamentos usados nos hospitais, a poupança total foi de 268 milhões.

Ir à farmácia deixou de ser tão pesado para os bolsos dos portugueses, mas o alívio está a diminuir de ano para ano. A análise à poupança dos remédios vendidos recaí sobre os de marca e o valor é estimado tendo por base o princípio de que foram todos vendidos com o preço máximo possível. De acordo com o estudo do Infarmed, em 2012 pouparam-se em ambulatório cem milhões de euros, no ano seguinte 80 milhões e no ano passado 25 milhões de euros. Divididos de forma diferente entre SNS (comparticipações) e utentes. Para o primeiro foram 115,2 milhões de euros, para os segundos 90,5 milhões. A distribui-

ção seguiu a tendência: 2014 foi o ano em que as famílias pouparam menos: 11 milhões de euros, quando dois anos antes tinha sido 46 milhões de euros. Os efeitos das descidas de preço fizeram-se sentir sobretudo nos remédios usados para os problemas de coração e do sistema nervoso central.

Já nos hospitais a poupança foi de 47 milhões de euros em 2013 e de 16 milhões de euros no ano passado. Foram os medicamentos anti-infecciosos, entre os que tratam o VIH, e os oncológicos que apresentaram as maiores reduções de preço. Mas a receita usada até agora começa a deixar de dar os mesmos frutos. “A aplicação destas medidas proporciona a redução de preços, com conseqüente diminuição de despesa para os utentes e para o SNS. No entanto, o efeito tende a diminuir ao longo do tempo, em particular se forem mantidos os mesmos critérios para a revisão de preços”, conclui o Infarmed.

Eixo estratégico para a saúde

Desde que entrou no governo, Paulo Macedo, ministro da Saúde, estabeleceu como uma prioridade a política do medicamento e esta área como a impulsionadora para a redução da despesa em saúde. afirmou que esta foi uma forma de compensar os utentes dos aumen-

AS MAIORES DESCIDAS

CORAÇÃO

► No ambulatório foram os medicamentos para o aparelho cardiovascular que mais baixaram de preço no conjunto dos três anos. As grandes reduções resultaram nas revisões de 2012 e 2013.

SISTEMA NERVOSO

► Em 2014 foram os medicamentos para o sistema nervoso central que mais sentiram o efeito da revisão de preços anual. Algumas das doenças mais comuns são a epilepsia, Alzheimer e Parkinson.

DOENÇAS INFECCIOSAS

► Na área hospitalar a maior poupança com a introdução da revisão de preços, nos dois anos, foi conseguida nos medicamentos anti-infecciosos, que incluem os tratamentos para o VIH/sida. A redução rondou os 30 milhões de euros.

ONCOLOGIA

► Esta foi a segunda área – anti-neoplásicos e imunomoduladores, em que se incluem os tratamentos para o cancro – que mais poupança gerou para os hospitais.

tos que o país sentiu, fruto das restrições económicas. Mais recentemente afirmou que “a política do medicamento é um eixo estratégico da política de saúde, sobre o qual devem ser assumidas opções explícitas e orientadas para uma maior racionalidade geradora de poupança e sustentabilidade”. O DN tentou, sem sucesso, contactar a associação que representa a indústria farmacêutica.

A revisão de preços é feita anualmente para os medicamentos vendidos nas farmácias e desde de 2013 para um grupo de remédios usados nos hospitais. A escolha recaí sobre aqueles que “não tenham sido objeto de avaliação para efeitos de financiamento, não tenham medicamentos genéricos e apresentassem um consumo anual superior a um milhão de euros”.

Todos os anos são escolhidos três países de referência. Aqueles que “apresentem um produto interno bruto *per capita* (PIB) comparável em paridade de poder de compra ou um nível de preços de medicamentos mais baixo”. No ano passado foram escolhidos a Espanha, a França e a Eslovénia. Nos dois anos anteriores foram poucas as alterações: entradas e saídas rodaram entre Itália e Eslováquia. Para as farmácias serve de referência a média de preços dos três países, para os hospitais foi o preço mínimo.